

PRIMEIRO
CAPÍTULO
GRÁTIS

UM TRABALHO DE AMOR

PRIORIDADES
PASTORAIS DE
UM PURITANO

J. Stephen Yuille



UM
**TRABALHO
DE AMOR**

UM
**TRABALHO
DE AMOR**
PRIORIDADES PASTORAIS DE UM PURITANO



J. STEPHEN YUILLE



OS PURITANOS

Recife, Pernambuco

UM TRABALHO DE AMOR: Prioridades Pastorais de um Puritano

Traduzido do original inglês: A Labor of Love: Puritan pastoral priorities.

Copyright © 2013 by J. Stephen Yuille
Reformation Heritage Books

Traduzido e Publicado no Brasil com a devida autorização.

© 2015 Editora Os Puritanos.

1.ª Edição digital em Português — Novembro de 2015

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação sem a autorização por escrito do editor, exceto citações em resenhas.

EDITOR: Manoel Canuto
TRADUTOR: Helio Kirchheim
REVISOR: Waldemir Magalhães
DESIGNER: Heraldo Almeida

ISBN: 978-85-62828-32-4

Imagem da capa: © Mihai.Tamasila/ shutterstock.com

AOS PRESBÍTEROS

*que cuidaram de mim enquanto eu cresci
e agora me apoiam em meu ministério*

Sumário



Prefácio	XI
Introdução	13

PRIMEIRA PARTE

1. Um Embaixador do Rei	21
2. Um Vaso Fiel	29
3. Um Cortejador Sincero	35
4. Um Sábio Construtor	43
5. Um Hábil Cirurgião	51
6. Um Aluno Diligente	59
7. Uma Mãe Carinhosa	67
8. Um Soldado Corajoso	75
9. Um Pregador Sensato	81
10. Um Intercessor Constante	91
11. Um Instrutor Paciente	101
12. Um Juiz Pespícaz	111
13. Um Pastor Fiel	119
14. Um Exemplo Poderoso	127
15. Um Humilde Instrumento	135
16. Um Supervisor Atento	141

SEGUNDA PARTE

A Despedida do Pastor	149
Epílogo	203
Bibliografia	207

Prefácio



Muitas são as funções exigidas de um pastor. Tão numerosas são suas obrigações, que por si só, homem nenhum é capaz de cumprir um chamado tão elevado e santo. É somente pela graça capacitadora de Deus que o ministro do evangelho consegue cumprir o sagrado encargo depositado aos seus pés. Uma forma pela qual esses servos do Senhor são capacitados na execução das suas obrigações pastorais é a análise dos exemplos dignos e dos exemplos confiáveis de outros pastores fiéis, dos homens piedosos que de forma tão nobre nos antecederam.

Talvez o maior exemplo dessa fidelidade pastoral na história da igreja tenha sido testemunhado nos teólogos puritanos dos séculos dezesseis e dezessete. Foram homens dedicados, poderosos nas Escrituras, sadios na fé, fundamentados em Cristo, e devotados ao seu rebanho. Em todo tempo tinham na mente as ovelhas confiadas ao seu cuidado, e sempre as tinham no coração. Até hoje, os antigos puritanos são ainda modelos de devoção pastoral, dignos da nossa cuidadosa consideração e imitação pessoal.

Um conhecido exemplo puritano foi George Swinnock (c. 1627-1673), um pastor fiel, educado em Ox-

ford e Cambridge e vítima da Grande Ejeção de 1662. Swinnock era tão devotado à plena extensão do ministério pastoral, que sua principal obra literária, *The christian man's calling* (O chamado do cristão), contém uma seção a respeito do sagrado chamado do ministro. Nessa seção, ele oferece dezesseis orações para o pastor tomar como exemplo em seu ministério.

J. Stephen Yuille prestou à igreja um grande serviço ao extrair essas orações, colocando-as sob dezesseis títulos que descrevem, de forma sucinta, facetas singulares do trabalho pastoral. Além disso, Yuille ampliou a verdade central contida em cada oração, apoiando-as com outras citações de puritanos, e dos seus próprios conceitos.

É raro encontrar um livro que reúna a sabedoria pastoral de um teólogo puritano como Swinnock e a destile em unidades práticas, facilmente digeríveis. Mas foi exatamente isso que Yuille fez neste livro. Ele examinou um dos melhores elementos da era áurea dos puritanos, Swinnock, e extraiu o ensino central dos seus escritos clássicos sobre os deveres pastorais. Ser ensinado por esse teólogo é ser bem instruído a respeito das responsabilidades ministeriais.

Ao ler esta obra e aplicá-la a sua vida, eu creio que você estará mais bem equipado em seu serviço para Jesus Cristo. Que Ele o abençoe à medida que você faz o seu trabalho, à maneira dele, para a sua glória.

STEVEN J. LAWSON

Pastor Senior

Christ Fellowship Baptist Church

Mobile, Alabama

Introdução



Por que escrevi este livro? É uma boa pergunta. Há várias razões, mas duas em particular merecem destaque.

Em primeiro lugar, escrevi este livro movido pela preocupação *com o valor cada vez mais reduzido que a igreja dá ao ministério pastoral*. Entendo que essa avaliação pode surpreender algumas pessoas, mas estou convicto de que mesmo uma avaliação superficial do evangelicalismo de hoje pode comprová-la. O fato que os pastores atuam em favor de Cristo parece ter pouca influência sobre a igreja, inclusive na opinião de muitos pastores. O que é que poderia ser mais importante do que pastorear aqueles que Cristo comprou com seu sangue? O que poderia ser mais crucial do que tomar conta da noiva de Cristo? O que é que poderia ser mais essencial do que cuidar do corpo de Cristo? Ao contrário de muito do que vemos e ouvimos, o ministério pastoral não é uma escolha de carreira profissional. Ele é um chamado elevado e santo.^[1] John Stott escreve assim: “A igreja encontra-se no centro do eterno propó-

[1] Para maiores informações a respeito do assunto, veja John Piper, *Brothers, We Are Not Professionals: A Plea to Pastors for Radical Ministry* (Nashville: Broadman & Holman, 2002). [Publicado por Shedd Publicações: *Irmãos, nós não somos profissionais - Um apelo aos pastores para ter um ministério radical*. — N. do T.]

sito de Deus”.^[2] Ela é o instrumento por meio do qual Deus glorifica a si mesmo neste mundo. Isso torna o ministério pastoral algo da maior importância.

Em segundo lugar, escrevi este livro por causa da preocupação com a confusa percepção que a igreja tem a respeito do ministério pastoral. Essa condição surgiu, pelo menos em parte, de nossa falha em fazer diferença entre *sucesso* e *excelência*. Simplificando, o sucesso baseia-se em status: um aumento da nossa importância aos olhos da sociedade. Como é que nossa sociedade mede o sucesso? Ela considera coisas como poder, prestígio, privilégio e prosperidade. Essa forma de ver o sucesso, no final das contas, tem sua raiz no orgulho. Infelizmente, a igreja de hoje é incapaz de reconhecer essa tendência em seu bojo (ou simplesmente não está disposta a fazê-lo), e muitos insistem em adotar os padrões de sucesso do mundo, com isso distorcendo as noções da natureza do ministério pastoral, entre outras coisas.

O que precisamos entender é que a excelência encontra-se em marcante contraste com o sucesso, porque ela não é determinada pela posição social, mas pela fidelidade. Em suma, ela se baseia numa determinação inabalável de agradar a Deus, e a ninguém mais. Dessa forma, ela está arraigada na humildade. Ora, essa é a coisa incompreensível (escandalosa, até) para muitos segmentos da igreja de hoje: a excelência, muitas vezes, não é bem sucedida. A igreja precisa recuperar a percepção dessa realidade. Ela precisa recuperar a percepção do que é de fato excelente aos olhos de Deus.

[2] John Stott, *The Living Church* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2007), 19. [Publicado pela Editora Ultimato: *A Igreja Autêntica*. — N. do T.]

Por meio de suas últimas palavras, o apóstolo Paulo resume seu próprio ministério: “Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2 Tm 4.6-8). Acho difícil ler esses versículos sem que os olhos fiquem embaçados com minhas lágrimas. Paulo está numa cela em Roma. A visão lhe falha, e cada vez menos consegue mover-se. É provável que esteja perto dos sessenta anos, mas bem mais envelhecido em consequência das muitas surras, prisões, naufrágios e outras dificuldades sofridas durante seus trinta anos de ministério. Nas comoventes palavras de Alexander Whyte, Paulo está “abandonado, sozinho, com frio e sem sua capa, acorrentado a um soldado, aguardando só um ímpeto louco de Nero para ser martirizado”.^[3]

Enquanto espera, o que é que ele diz? Para começar, ele fala a respeito do presente — *uma morte digna de morrer* (v. 6). Ele se declara “pronto para ser oferecido”. O que é que ele quer dizer com isso? Para entendermos a expressão “estou sendo já oferecido por libação”, voltemo-nos para Números 15, onde aprendemos que os sacerdotes nos tempos do Antigo Testamento derramavam as ofertas de libação sobre os holocaustos (ofertas queimadas) com a finalidade de rematar o sacrifício. A intensão de Paulo é mostrar que ele viveu sua vida como um holocausto para Deus. Agora é hora de derramar a oferta de libação — é hora de ele morrer.

[3] Alexander Whyte, *Bible Characters: The New Testament* (London: Oliphants, 1952), 282.

Em segundo lugar, Paulo fala a respeito do seu passado — *uma vida que valeu a pena viver* (v. 7). Ele faz uma descrição tripla do seu ministério: combateu o bom combate, acabou a carreira (ou corrida) e guardou a fé. Em outras palavras, quando avalia trinta e tantos anos de ministério, ele está seguro de ter sido fiel. Ele aspirou à excelência. Acima de qualquer outra coisa, esforçou-se para glorificar a Deus.

Em terceiro lugar, Paulo menciona seu futuro — *uma coroa digna de receber* (v. 8). Ele está pronto para o martírio, pois sabe que Cristo o aguarda. Ele está certo de que receberá “uma coroa de justiça”. Está plenamente certo de que vai ouvir o Senhor dizer: “Muito bem, servo bom e fiel” (Mt 25.21).

Meu desejo é ver uma geração de pastores à moda de Paulo — homens com um claro senso de terem sido chamados, juntamente com um desejo insaciável de agradar a Deus. Em outras palavras, meu desejo é ver uma geração de pastores comprometidos com a busca da excelência. Com esse propósito em vista, o que é que podes esperar das páginas à tua frente? O livro se divide em duas partes.

A primeira parte consiste numa série de *prioridades pastorais*. Eu as descobri cerca de dez anos atrás, ocultas num livro conhecido de poucos: *The Christian Man's Calling*. O autor é George Swinnock — um puritano inglês do século dezessete, *não-conformista* (o que significa que foi expulso da Igreja da Inglaterra em 1662). Nesse livro, Swinnock inclui uma pequena seção chamada “Desejo a respeito do chamado do ministro, no qual se resumem várias qualidades e deveres de um pastor cuidadoso”.^[4] Aqui ele enuncia

[4] George Swinnock, *The Christian Man's Calling*, em *The Works of George Swin-*

seu sincero desejo por seu próprio ministério pastoral em forma de dezesseis “desejos” (ou seja, pedidos de oração). Em cada capítulo, incluo um dos desejos de Swinnock (editados para o leitor moderno), e então os amplio com algumas reflexões de minha autoria.

A segunda parte consiste em um sermão (também editado para o leitor moderno) de George Swinnock: “O adeus do pastor”.^[5] Ele o pregou quando se despedia da capela St. Mary em Rickmansworth, Hertfordshire, onde tinha servido como pastor por onze anos. Na introdução, ele comenta: “Há duas coisas que eu sempre considereei como requisitos essenciais num pastor: trabalho e amor. O primeiro é um trabalho da mente, o último, um trabalho do coração: o trabalho fiel mostrará seu amor, e o amor sincero suavizará o seu trabalho... ambos juntos, assim como alma e corpo são as partes essenciais do homem, são o todo de um ministro”. Nesse sermão, o amor de Swinnock por sua igreja serve como exemplo encorajador para todos os pastores que desejam amar seu povo em Cristo.

As percepções de Swinnock têm sido para mim um guia de valor incalculável durante esses anos. Minha oração é que o Senhor os abençoe também para o teu benefício — para equipar os seus ministros, fortalecer a sua igreja, para a vinda do seu reino, e a honra do seu nome.

nock (1868; reimpr., Edimburgo: Banner of Truth, 1992), 1:319–29.

[5] George Swinnock, “The Pastor’s Farewell,” em *The Works of George Swinnock* (1868; reimpr., Edimburgo: Banner of Truth, 1992), 4:53–100.

Primeira Parte



Um Embaixador do Rei



O ministério da Palavra é um chamado de importância superior a todos os outros. O Deus eternamente bendito o estabeleceu como o meio pelo qual Ele recebe o louvor merecido do seu propósito único, eterno e infinitamente sábio, e como o meio pelo qual o Senhor Jesus Cristo recebe o precioso fruto da sua paixão, que lhe custou o sangue. Isso tudo é conseguido na conversão de pecadores das trevas para a luz e de Satanás para Deus. Por meio do ministério, Deus confia aos homens — devidamente qualificados e indubitavelmente chamados — a Palavra da reconciliação. Ele lhes ordena em seu nome, como seus embaixadores, que ofereçam condições de paz, e persuadam e roguem a pecadores rebeldes com toda a seriedade e fidelidade (caso contrário terão o sangue do seu povo requerido de suas mãos) que abracem a oferta da graça e do perdão. Uma vez que meu Deus me considerou fiel, colocando-me no ministério, confiando-me aquilo que de forma tão chegada está relacionado com a sua própria glória, e de forma tão elevada diz respeito à eterna felicidade das almas preciosas, desejo sempre tomar cuidado de mim mesmo e de todo o rebanho sobre o

qual o Espírito Santo me colocou — para alimentar a igreja de Deus, que Ele comprou com seu próprio sangue (At 20.28).



Para Swinnock, o ministério pastoral “é um chamado de importância superior a todos os outros”. Por que razão? Porque é o meio indicado por Deus para espalhar a sua glória e salvar o seu povo. Como pastores, será que compartilhamos a convicção de Swinnock? Deus nos designou como “seus embaixadores”, e nos confiou “a Palavra da reconciliação”. Ele nos chamou — como Swinnock o expressa — “para persuadir e rogar a pecadores rebeldes” que aceitem as “condições de paz” oferecidas por Cristo. Em João 7.37,38, Cristo declara: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. Nessa declaração, encontramos três “condições de paz” — uma necessidade, um convite e uma promessa.

Em primeiro lugar, Cristo percebe *uma necessidade*: “Se alguém tem sede”. Aqui, Ele usa a figura da sede física para descrever um desejo espiritual — aquilo que A. W. Tozer chama de “constante desassossego”.^[6] O que provoca esse desejo é nossa alienação de Deus, que em outro lugar Cristo descreve como “trevas” (Jo 8.12). A declaração de que estamos em “trevas” é um conceito que muita gente tem dificuldade

[6] A. W. Tozer, *The Pursuit of God* (Radford, Va.: Wilder, 2008), 26. [Publicado pela Editora Betânia: À Procura de Deus. — N. do T.]

de aceitar, porque a sua cosmovisão se fundamenta na suposição de que a humanidade é iluminada. Essas pessoas pensam que estamos progredindo. Por quê? Para começar, podemos comunicar-nos uns com os outros usando celulares e smartphones e acessar quantidades incalculáveis de informações por meio da internet. Podemos viajar meio mundo em questão de poucas horas e transplantar corações e rins. Podemos construir pontes que cruzam as águas lá embaixo e torres que alcançam as nuvens lá em cima e enviar naves espaciais às mais distantes galáxias para tirar fotografias. Conseguimos dominar o poder da água e do vento e a energia do átomo. Com base nesses avanços tecnológicos, muita gente supõe que somos iluminados.

Mas, na realidade, essas coisas são o que David Wells chama de “as ilusões do progresso”.^[7] Elas dão a impressão de que estamos avançando, quando na verdade continuamos ainda nas trevas. Nossas trevas são espirituais, já que nossa vida está alienada de Deus. Nossas trevas são intelectuais, uma vez que nossa mente é inclinada ao erro em vez de o ser para a verdade. Nossas trevas são morais, pelo fato de nosso coração ser inclinado ao mal em vez de o ser para o bem. A despeito das incríveis mudanças ao nosso redor, nossa condição permanece exatamente igual ao que era desde a queda de Adão. Quando percebemos essas trevas, o Espírito Santo cria em nós um desejo espiritual — a “sede” a que Cristo se refere.

Em segundo lugar, Cristo faz *um convite*: “Venha a mim e beba”. Ele pronuncia essas palavras na ci-

[7] David F. Wells, *No Place for Truth; or, Whatever Happened to Evangelical Theology?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), 59.

dade de Jerusalém, durante a *Festa dos Tabernáculos*. Como parte da celebração, um sacerdote levava um cântaro dourado ao tanque de Silóé, onde o enchia de água, retornando então ao templo, onde derramava a água numa abertura no lado ocidental do altar. Esse ritual lembrava o que havia acontecido em Meribá, quando os israelitas murmuraram porque estavam com sede. Naquela ocasião, Deus disse a Moisés: “Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá” (Êx 17.6). Obediente, Moisés tomou sua vara — a vara do juízo, por meio da qual Deus infligiu as pragas sobre o Egito — e bateu na rocha. Deus estava ali na rocha, identificando-se com ela. Simbolicamente, Deus sofreu o juízo, e, em seguida, a água fluiu da rocha (Dt 32.4,15,18,31; Sl 78.35; 95.1). Esse é o contexto histórico do convite de Cristo. Quando convida os que estão com sede a virem até Ele, está afirmando que Ele é a verdadeira rocha — aquela que sofre a vara do juízo de Deus.

Quando Adão e Eva desobedeceram no jardim, eles, juntamente com toda a sua posteridade, tornaram-se escravos do pecado e da morte. Em consequência disso, caíram sob o domínio de Satanás. Naquele momento, Deus ordenou que Satanás se tornasse o executor da sentença de morte. A dívida da humanidade para com a morte é o que dá a Satanás todo o seu poder. Evidentemente, então, a remoção dessa dívida é o fim do poder de Satanás. E é precisamente isso que Cristo efetuou na cruz. Na sua morte, Cristo sofreu o juízo de Deus em nosso lugar. Fazendo isso, Ele destruiu o poder de Satanás. John Flavel descreve o sacrifício de Cristo da seguinte forma:

Senhor, a condenação foi tua, para que a justificação fosse minha. A agonia foi tua, para que a vitória fosse minha. A dor foi tua; o alívio, meu. As chicotadas foram tuas; o bálsamo curador que delas proveio, meu. O vinagre e a mirra foram teus, para que o mel e o doce fossem meus. A maldição foi tua, para que a bênção fosse minha. A coroa de espinhos foi tua, para que a coroa de glória fosse minha. A morte foi tua, mas a vida comprada por ela, minha. Tu pagaste o preço para que eu pudesse desfrutar a herança.^[8]

Passamos a usufruir as bênçãos do sacrifício substitutivo de Cristo quando o “bebemos” (ou seja, cremos nele). Quando ingerimos comida e bebemos água, assimilamos essas coisas, ou seja, elas passam a fazer parte do nosso corpo. Dessa mesma forma, quando comemos e bebemos a Cristo, nós o assimilamos. “Mesmo que conheçamos essa comida”, escreve William Perkins, “se não a recebermos, ela não alimentará o corpo. Dessa mesma forma, se não recebermos e aplicarmos Cristo a nós mesmos pela mão da fé, todo o nosso conhecimento e assentimento serão como comida não ingerida nem digerida”.^[9] Ou seja, a fé vai além do mero assentimento intelectual, ela toma posse do coração.

Alguns anos atrás, minha família e eu visitamos uma localidade chamada Carrick-a-Rede, no litoral da Irlanda do Norte. Existe ali uma ponte feita de cor-

[8] John Flavel, *The Fountain of Life: A Display of Christ in His Essential and Mediatorial Glory*, em *The Works of John Flavel* (1820; reimpr., Londres: Banner of Truth, 1968), 1:101.

[9] William Perkins, *A Godly and Learned Exposition upon Christ's Sermon on the Mount*, em *The Works of William Perkins* (Londres: John Legate, 1631), 3:245.

das, unindo o continente a uma pequena ilha. A ponte tem uns vinte e dois metros de vão e está a mais de trinta metros acima do mar e das rochas lá embaixo. Milhares de pessoas atravessam essa ponte todos os meses. Parado na frente da ponte, concordei mentalmente com o fato de que ela podia aguentar meu peso. Contudo, eu não podia dizer que cria nisso enquanto não a atravessasse de fato. Dessa mesma forma, a fé salvífica implica muito mais do que mero assentimento intelectual com o evangelho. De acordo com Flavel, ela envolve, em primeiro lugar, a compreensão da mente com respeito à verdade de Cristo conforme é revelada na Escritura; em segundo lugar, a apropriação do coração com respeito a Cristo como o remédio perfeito para o pecado; e, em terceiro lugar, a escolha da vontade para receber a Cristo.^[10] Em outras palavras, a fé envolve toda a alma. É assim que atendemos ao convite de Cristo para bebermos dele.

Em terceiro lugar, Cristo faz *uma promessa*: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. De acordo com o próximo versículo, a “água viva” é o Espírito Santo. Uma vez que a rocha (Cristo) é golpeada, a água (Espírito Santo) flui. Quando cremos em Cristo, tornamo-nos participantes do Espírito Santo, que nos traz à comunhão com Deus. Descansamos nele como o amado Pai, o mais sábio guia, o mais forte escudo, o maior bem, o amigo mais chegado, o conforto mais dócil, a mais encantadora beleza, a verdade mais profunda, e o mais doce amor. Como resultado disso, nosso desejo é satisfeito; nossa sede é saciada. Em suma, somos “cheios de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.19).

[10] Flavel, *Fountain of Life*, 2:129–34.

Como pastores, proclamamos essas “condições de paz”. Proclamamos o evangelho — as boas novas de que Deus salva os pecadores da sua ira para sua glória por meio da morte substitutiva de Cristo. E essa mensagem faz com que “o ministério da Palavra seja um chamado de importância superior a todos os outros”.

Eu quero saber mais

UM TRABALHO DE AMOR

PRIORIDADES PASTORAIS DE UM PURITANO

J. Stephen Yuille

“Este livro é uma introdução acessível e desafiadora ao ofício pastoral e seus deveres conforme compreendiam os puritanos. Numa época em que o conceito do ofício pastoral é subestimado ou mal compreendido, os puritanos ainda têm a capacidade de falar com força e clareza. O Dr. Yuille nos prestou um grande serviço ao produzir esta obra.”

—Carl R. Trueman, Professor de História da Igreja Paul Woolley, Seminário Teológico Westminster, Filadélfia, USA.

“J. Stephen Yuille prestou grande serviço à igreja ao transcrever para os pastores as orações de George Swinnoock, dando-lhes dezesseis títulos que, de forma resumida, descrevem facetas únicas da atividade pastoral. Além disso, Yuille ampliou a verdade central de cada oração, fundamentando-as com outras citações de puritanos e com suas próprias observações. É raro encontrar um livro que reúna a sabedoria pastoral de um teólogo puritano como Swinnoock e a expõe em unidades de fácil assimilação. Mas é exatamente isso que Yuille fez neste livro. Ele pesquisou um dos melhores da idade áurea dos puritanos, Swinnoock, e transcreveu o ensino central dessa obra clássica sobre o dever pastoral. Aprender desse teólogo é ser bem instruído nas responsabilidades ministeriais.”

—Steven J. Lawson, pastor sênior da Igreja Batista Christ Fellowship, Mobile, Alabama.



OS-PURITANOS.COM

ISBN: 978-85-62828-32-4



9 788562 182832 4